

A grande luta da China por energia¹

Wieland Wagner*

Com uma economia em rápida expansão, a China não conta com recursos naturais próprios em quantidade suficiente para suprir as suas crescentes necessidades de energia. Pequim está tentando preencher essa lacuna energética com o aumento das suas importações e com a aposta na energia nuclear e em fontes renováveis de energia.

Durante anos, Korla era apenas uma triste região do interior de Xinjiang, a província autônoma do oeste da China. Ninguém passava muito tempo nesta cidade, caso pudesse ir para outro lugar. Não existe nada de particularmente atraente quanto aos seus prédios baixos e feios, ou quanto à sua localização na extremidade do maior deserto da Ásia, na Bacia do Tarim. Escaldante no verão, o lugar se torna extremamente frio no inverno, quando a região é varrida pelos ventos cortantes que vêm das montanhas Tianshan.

Mas recentemente essa cidade de 400 mil habitantes atingiu um esplendor sem precedentes. Edifícios de escritórios reluzentes se erguem sobre a areia. Butiques e restaurantes atraem os consumidores nas avenidas largas. Esculturas caras são exibidas nos parques. E uma nova autoestrada no entorno da cidade possibilita acesso melhor a Ürümqi, a capital da província.

Quem dirige pela Bacia do Tarim durante cerca de duas horas logo descobre a fonte dessa riqueza recém-surgida: torres de perfuração sobressaem na terra árida; chamas se erguem em direção ao céu; bombas gigantescas se movimentam incansavelmente para cima e para baixo, e

um labirinto de oleodutos corta o deserto por todos os lados. O viajante acaba de chegar na borda de uma das maiores regiões de extração de petróleo e gás natural de toda a China.

Os chineses chamam a Bacia do Tarim de Mar da Esperança, devido à grande quantidade de recursos naturais lá existentes. Xinjiang costumava ser vista como um local potencialmente problemático por causa da sua minoria muçulmana de etnia uyghur. Agora, a região está se tornando cada vez mais importante sob o ponto de vista econômico: ela dá uma contribuição vital para saciar a fome global de energia das indústrias. Em agosto de 2005, a China colocou em operação um gasoduto de 4.000km de extensão ligando Xinjiang a Xangai, colaborando desta maneira para suprir às necessidades cada vez maiores de energia do grande centro industrial no leste do país.

Mas embora as iniciativas crescentes da China para explorar as suas próprias fontes de petróleo e gás natural proporcionem um certo alívio, as reservas do país não são suficientes para satisfazer à demanda de longo prazo, que está crescendo inexoravelmente.

O mesmo é válido para as fontes de metais e outros minerais. Seja minério de ferro para a produção de placas de aço, ou cobre para a fabricação de fios elétricos, os chineses compram tudo que esteja à venda. E como resultado eles inflacionam os preços desses produtos no mercado global, pelo menos temporariamente.

Acompanhando a economia

Jin Guoliang contou com uma cadeira privilegiada para testemunhar a ascensão da China

¹ Do *NYT* em 07/09/2006 – Tradução: Danilo Fonseca.

* O autor é jornalista.

ao *status* de grande consumidor de matérias-primas nos últimos 30 anos. O escritório deste gerente tem uma vista para um terminal de cargas no porto de Xangai. Navios vindos do estrangeiro depositam aqui recursos naturais e, a seguir, partem levando manufaturados que trazem a inscrição *Made in China*. Placas de cobre e barras de alumínio que aguardam um processamento mais aprimorado estão empilhadas ao longo de um cais à margem do Rio Huangpu. Ao lado desse material há rolos de aço de alta qualidade, prontos para serem exportados.

Uma série sem fim de caminhões pesados passa sacolejando pela Estrada Juong, uma ampla pista que mais parece uma nuvem malcheirosa de fumaça saída dos canos de descarga. Os caminhões trazem novas cargas para o porto ou recolhem outras que acabaram de chegar do exterior. “O meu trabalho fica mais frenético a cada dia”, resmunga Jin, que depois ri.

A economia chinesa está crescendo a uma taxa média de 9% ao ano. Os planejadores econômicos de Pequim descobriram recentemente que a economia do país é na verdade 17% maior do que eles achavam. É algo como se os chineses tivessem descoberto acidentalmente um superávit econômico do tamanho do produto interno bruto da Turquia.

A consequência disso é que a China está mais faminta de energia do que nunca. Mas não se trata apenas de consumir recursos naturais para a produção dos vários produtos baratos que o país exporta para as nações industriais do Ocidente. Com a crescente prosperidade, a demanda dos consumidores também aumenta: a cada ano, milhões de chineses migram das suas aldeias para as grandes cidades na afluyente costa leste. Muitos se mudam para conjuntos de prédios habitacionais construídos com concreto e aço. Xangai já possui 4.000 arranha-céus – o dobro de Manhattan –, e os novos edifícios estão equipados com novas geladeiras, novos fogões e novos sistemas de ar-condicionado. E a

construção de todos esses prédios exigiu, é claro, o uso de recursos naturais, e agora eles próprios consomem energia.

Embora a China seja responsável por apenas 4% da produção econômica mundial, o país já consome 13,6% da energia do planeta. Durante os últimos verões, os cidadãos de Xangai constataram pessoalmente a existência dos gargalos que podem ser criados pela revolução industrial do país: o governo da cidade foi obrigado a desligar temporariamente a iluminação à base de néons, que é a marca registrada do panorama de arranha-céus da cidade. Se Xangai não tivesse tomado essa providência, a rede de distribuição de energia elétrica teria entrado em colapso devido ao consumo extra que ocorre quando os incontáveis aparelhos de ar-condicionado da cidade são ligados durante os quentes verões.

Luzes desligadas em Xangai

Subitamente, a Oriental Pearl Tower, o arranha-céu que é a marca registrada de Xangai, desapareceu na escuridão. Várias fábricas foram proibidas de operar as suas máquinas nos dias de semana e tiveram que se limitar a produzir durante as noites e finais de semana. O parque industrial da China consome dois terços da eletricidade do país.

O transporte de matérias-primas também está sobrecarregando a infra-estrutura da China, fazendo com que esta se aproxime de um colapso. Somente o transporte de carvão, que responde por cerca de 70% das necessidades energéticas da China, é, com frequência, demasiadamente volumoso para a dimensão da rede ferroviária do país, e volta e meia provoca paralisações do sistema. A China é o segundo maior produtor de gases causadores de efeito estufa de todo o mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. E, em províncias mineradoras como Xinjiang e Shaanxi, as pessoas estão pagando pelo *boom* econômico com as suas vidas: somente em

2004, 6.000 mineiros morreram, vítimas das escandalosas condições de trabalho nas minas de carvão (muitas das quais são ilegais).

Mas com o mesmo desespero com que vasculham a sua gigantesca nação em busca de recursos naturais, os chineses estão se tornando também cada vez mais dependentes das importações, e essa busca global por recursos está ditando cada vez mais os rumos da política externa de Pequim. A produção de aço, que dobrou nos últimos anos, é um motivo especial de preocupação para o governo chinês. Metade do ferro usado pelas 800 usinas siderúrgicas do país precisa ser importado.

A Baosteel é a maior produtora de aço da China – e a sexta maior do mercado mundial –, sendo assim uma das maiores consumidoras de minério de ferro do mundo. Ela continua a requerer mais espaço para si, em meio ao bizarro cenário industrial formado por altos-fornos fumacentos e chaminés enormes que se espalham pelas margens do Rio Amarelo, em Xangai. A companhia possui o seu próprio porto no rio, onde grandes navios ancoram trazendo minério de ferro. A partir do porto, essa matéria-prima vital é levada por correias transportadoras até os alto-fornos, e as pesadas chapas de aço passam pela máquina que as enrola em bobinas como se fossem projetis brilhantes.

Ouve-se um som trovejante, como se peças gigantes de boliche estivessem caindo, e a seguir o produto final surge na forma de bobinas de aço precisamente enroladas.

Desde 2000, a China é responsável por 93% da movimentação global de minério de ferro. A maior parte dos navios carregados de minério de ferro é proveniente da Austrália ou do Brasil. Eles são enviados por companhias de mineração como a BHP Billiton ou a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) – corporações que se beneficiaram de aumentos de preço de mais de 70% no ano passado, graças principalmente aos insaciáveis fregueses chineses. Portanto,

é compreensível que a China deseje romper com o monopólio estrangeiro sobre os preços. A Minmetals, uma companhia de comércio de metais e minérios criada em 1950, desempenha um papel central nesse projeto. As instalações da companhia em Pequim estão localizadas em um prédio monstruosamente grande, dotado de corredores sem fim, que já foi sede do Ministério do Comércio da China. He Jianzeng, um dos diretores da companhia, é o responsável pela obtenção dos chamados metais negros, como minério de ferro, de manganês e de cromo.

He viaja ao exterior – à América do Sul, à África e à Coreia do Sul – quase todo mês. Ele procura minas que possam ser alvos para os investimentos da Minmetals, e a sua companhia não se sente desencorajada pelos problemas ocasionais. Por exemplo, a Minmetals não foi capaz de concretizar a sua planejada aquisição da companhia canadense de mineração Noranda, mas está persistindo. Ele diz que não há motivo para que a China, o maior consumidor mundial de minério de ferro, não possa influenciar o preço dessa matéria-prima a longo prazo.

A China já é um fator importante para determinar o que ocorre nos mercados mundiais de matérias-primas. Mas como a China não é uma economia de livre mercado, comerciantes e analistas comerciais raramente são capazes de se basear na pura teoria da oferta e da procura quando fazem as suas previsões: os preços dos recursos domésticos são regulados por autoridades governamentais em Pequim.

Confundindo os analistas

Desde 1990 existe uma bolsa de mercado futuro em Xangai; cobre, alumínio, borracha natural e combustível são comercializados lá. Os comerciantes sentam-se em um enorme salão, com a altura de um prédio de mais de dois andares. Usando roupas vermelhas com números dourados, eles observam os valores das ações

no painel eletrônico – preços em ascensão em verde, e em queda em vermelho. Mas o comércio feito aqui carece de emoção, e essa bolsa de mercado futuro se caracteriza por uma calma peculiar.

Só ocasionalmente as coisas ficam agitadas – como quando Liu Qibing, um agente financeiro do departamento de reservas do governo, amargou prejuízos da ordem de US\$ 100 milhões no outono de 2005, ao especular com o cobre. Agindo por iniciativa própria, ele vendeu 130 mil toneladas de cobre com a intenção de comprá-las de volta mais tarde a um preço mais baixo. Mas, em vez disso, o preço do cobre aumentou, e a comoção causada pelo erro de cálculo de Liu fez com que o produto subisse ainda mais. O erro embaraçoso fez com que a imprensa especializada em economia prendesse a respiração durante semanas. Os chineses não foram capazes de perdoar Liu: ele foi demitido. E os seus apavorados ex-colegas, de repente, passaram a agir como se nunca o tivessem conhecido.

O incidente com o negociador de cobre fez com que Pequim sofresse mais pressões no sentido de reformar o seu sistema distorcido de preços de matérias-primas. O mesmo ocorre em relação ao petróleo: os motoristas chineses pagam três vezes menos que os europeus pelo litro de gasolina. O governo mantém o preço da gasolina em um patamar artificialmente baixo por temer a reação das empresas estatais, dos fazendeiros, dos motoristas de táxi e do Exército de Libertação da China.

A disparidade entre os preços do mercado mundial e os do mercado doméstico está causando sérios danos nas gigantes chinesas do petróleo, e elas estão tendo dificuldades para explicar os seus problemas aos acionistas estrangeiros. Em uma medida cujo objetivo era contrabalançar esses problemas, o governo chinês interveio a fim de ajudar a Sinopec – a enorme companhia petrolífera chinesa cujas ações são vendidas no

interior –, fornecendo subsídios da ordem de 920 milhões de euros. A imprensa doméstica chamou esses generosos subsídios de *dahongbao* – em alusão aos grandes envelopes vermelhos cheios de dinheiro que os chineses recebem dos parentes no Ano-novo.

Mas dinheiro dificilmente chega a ser um problema para o governo chinês, cujas reservas de mais de US\$ 850 milhões são atualmente maiores que as do Japão. E tampouco os chineses carecem de grandes projetos, quando se trata de expandir a sua rede de energia elétrica. O projeto da represa de Três Gargantas no Rio Amarelo se transformou em um símbolo internacional da megalomania da China.

Para concretizar esse projeto, os chineses destruíram uma jóia paisagística única. A usina entrou em operação pela primeira vez três anos atrás, e a idéia é que os 26 geradores gigantes da instalação produzam anualmente 85 bilhões de kilowatts/hora de eletricidade por volta de 2009, após um período de construção de 16 anos, a transferência de milhões de moradores e o emprego de cerca de 37 mil trabalhadores.

Três Gargantas foi um sonho técnico que se tornou realidade para Liu Lire, o vice-engenheiro-chefe do projeto. “Nós usamos a melhor tecnologia do mundo”, explica Liu, sentando no salão de conferências da sede operacional da companhia, perto da represa. Liu insiste que a represa é totalmente segura, imune até mesmo a ataques nucleares e a fortes terremotos.

Atualmente a represa corta o vale do rio como se fosse uma cicatriz cirúrgica. As cinco unidades elevatórias lembram um monstro de concreto e aço, e os navios levam pelo menos duas horas e meia para transpô-las. Mas os líderes comunistas da China – a maioria dos quais estudou disciplinas técnicas como construção de máquinas – vêem o projeto gigante como uma homenagem ao progresso. Para eles, eis o que tem prioridade: eles querem que o progresso garanta o seu poder na nova era capitalista, as-

sim como ocorreu no passado. E de quanta energia a China realmente necessita? Até que ponto as previsões dos planejadores econômicos são confiáveis? Os burocratas parecem não ter certeza. A China pode ter que recalcular os números relativos às suas necessidades energéticas, assim como as cifras referentes ao produto interno bruto tiveram que ser revisadas. “Temo que tenhamos um excesso de capacidade elétrica no segundo semestre de 2006”, advertiu no ano passado Zhang Gubao, o vice-ministro da Comissão Nacional de Reforma e Desenvolvimento.

Mesmo assim a China prossegue com os seus projetos gigantescos, incluindo aqueles na área da energia nuclear, que atualmente atende a cerca de 2% da demanda de eletricidade do país. A China quer construir até 30 reatores nucleares nos próximos 14 anos – cerca de dois ao ano. Companhias estrangeiras especializadas em construção de reatores, e cujos negócios enfrentam dificuldades no Ocidente há décadas, esperam se beneficiar de um dos últimos mercados lucrativos em crescimento que restaram para a sua polêmica tecnologia.

Os próprios chineses esperam que a tecnologia nuclear lhes permita dar um grande passo tecnológico à frente. Eles querem construir o primeiro reator comercial do tipo *pebble-bed*. Acredita-se que esse tipo de reator seja bem mais seguro do que os reatores atuais, já que o óxido de urânio não fica contido em varetas de combustível nuclear, mas sim em compartimentos arredondados de grafite do tamanho de bolas de tênis.

Os vermelhos se inclinam para o verde

Mas esses gigantescos projetos de construção só são capazes de satisfazer parte das necessidades energéticas da China: eles só incrementarão a parcela de eletricidade gerada a partir da energia nuclear em 4%. E dessa forma os líderes vermelhos estão começando a se incli-

nar para o verde: o seu mais recente plano quinquenal promete reduzir o consumo de energia por unidade do produto interno bruto em 20%.

Em consonância com a tradição do planejamento econômico comunista, essa meta ecológica provavelmente não será atingida. Em vez disso, a indústria chinesa precisa se reinventar. Isso porque, atualmente, com os seus carros beberrões, as suas casas com péssimo isolamento térmico e as suas fábricas mal administradas, a China é um dos maiores desperdiçadores de energia do mundo. O país consome sete vezes mais energia do que o Japão para cada dólar produzido pela economia. Pequim deseja mudar essa situação. Nove províncias foram escolhidas para realizar experiências com etanol e biocombustíveis. Pequim também está promovendo o uso de energia hidroelétrica e eólica como parte de uma nova lei de fontes de energias renováveis. A maior central de energia eólica da China deverá entrar em operação neste ano. Ele fica a cerca de quatro horas de carro do centro econômico de Guangdong, em uma área costeira de relevo acidentado.

Segundo o projeto, as 167 turbinas eólicas produzirão mais de 10 milhões de kilowatts de eletricidade por ano. Isso pode ser uma quantidade minúscula para a próspera região exportadora do sul da China. Mas Wu Xiquan, o vice-diretor da companhia de eletricidade Yudean, acredita ser o líder de um projeto-modelo para o país. Ele colocou a bandeira vermelha da China ao lado do brasão da empresa sobre a sua mesa. Wu diz que a China ainda está atrasada no setor de fontes de energia não poluentes, mas frisa que o governo deseja que essa situação mude.

E existe algo mais que Wu deseja que a sua usina de energia eólica revele: que a China pode se transformar em um importante exportador de energias que ajudaria a saciar a fome mundial de energia de uma forma não agressiva ao meio ambiente. ☺

RESENHA

Livro: *La Gran Transición* (Prólogo de Roi Medvedev).
Barcelona: Memoria Crítica, 2003.

A grande transição

Origens históricas e dilemas da democratização na Rússia

Ricardo Vélez Rodríguez*

O recente assassinato, em Moscou, da jornalista Ana Politovskaya, deixou claro que a liberdade de imprensa, na Rússia, está seriamente ameaçada pelo Estado autoritário. O processo de democratização do país sofre com a estrutura do poder ferreamente controlado pela burocracia, centralizada ao redor dos organismos de segurança, cujo grande chefe é o czar do momento, o Presidente Putin. Trata-se de um contexto político que podemos caracterizar como patrimonialista. A Rússia, aliás, foi considerada por Weber, já na década de 1920, como paradigma desse tipo de dominação, cuja nota característica consiste em que o poder é exercido pela elite dominante, como se fosse a sua propriedade familiar.

Uma das mais interessantes obras que apareceram, nos últimos anos, sobre a problemática da democratização na Rússia foi a escrita por Rafael Poch-de-Feliu, em 2003, com o título de *La Gran Transición* (Prólogo de Roi Medvedev). Barcelona: Memoria Crítica, 2003, 440 p., 23,5x16cm. Poch-de-Feliu nasceu em Barcelona, em 1956. Estudou História Contemporânea nessa cidade e História da Rússia em Berlim. Foi correspondente de *Die Tageszeitung* na Espanha, redator da agência DPA em Hamburgo e correspondente

na Europa do Leste, entre 1983 e 1987. No período compreendido entre 1988 e 2002, foi correspondente do diário *La Vanguardia* (de Barcelona), em Moscou, onde é tido como um dos jornalistas ocidentais mais experimentados. Atualmente é correspondente do mesmo jornal na China. *A Grande Transição* é o terceiro livro de Poch-de-Feliu sobre a Rússia.

Para os nossos países latino-americanos que se debatem atualmente entre várias modalidades de populismo (de cunho totalitário em Cuba e, possivelmente, na Venezuela, de feição telúrica na Bolívia e no Equador, de modalidade estamental-operária na Argentina, de tipo messiânico-sindical no Brasil, de feição familístico-exportadora no Paraguai, de clientelismo armado na Colômbia etc.), é de grande valor estudar o processo de saída do patrimonialismo num país como a Rússia. As nossas realidades, em que pese as diferenças históricas, assemelham-se em muitos pontos, do ângulo do poder que exercem as respectivas burocracias em ambos os contextos, no seio de uma cultura altamente privatizante do espaço público por clãs e patotas. O cientista político Otto de Habsburgo considerava, aliás, há uma década, que para os russos seria igualmente interessante estudar os processos de democratização ocorri-

* O autor é Coordenador do Centro de Pesquisas Estratégicas "Paulino Soares de Sousa", da UFJF. Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho. Pós-Doutorado no Centre de Recherches Politiques Raymond Aron, Paris.

dos na Espanha, em Portugal e nos países latino-americanos, pois talvez dessa análise surgissem elementos que pudessem iluminar as reformas em curso.

O conteúdo da obra divide-se em 13 capítulos, com os seguintes títulos: 1) A URSS de antes; 2) O preço da liberdade; 3) O décimo segundo plano quinquenal e Chernobyl; 4) Os paradoxos da *glasnost*; 5) Início do cisma: o fenômeno Yeltsin; 6) A quebra otimista da ordem européia; 7) Vazio e crise múltipla; 8) O despertar das nacionalidades; 9) Metástase; 10) Presidencialismo, derrubada e federalização; 11) As jornadas de agosto de 1991; 12) Interregno e fim; 13) A Rússia de depois; Epílogo: Dúvidas e perguntas.

La Gran Transición é uma obra bastante bem documentada. Poch-de-Feliu traçou um mapa desde dentro, das entranhas do patrimonialismo russo e do caminho seguido pela democratização no país dos czares. A hipótese desenvolvida por ele é a seguinte: de forma semelhante a como Hitler destroçou a intelectualidade alemã, a fim de erguer à liderança do país as mediocridades de que se compunha a elite do Partido Nacional Socialista alemão, Stalin fez outro tanto na Rússia. Eliminou simplesmente todos aqueles que, na geração pós-revolucionária, fossem capazes de pensar ou elaborar uma visão crítica da União Soviética e do mundo. A geração que se estabeleceu no poder com Stalin e a que se seguiu eram profundamente medíocres, o que fez com que ficasse comprometido o processo de consolidação da Rússia como nação moderna. Todos os grandes líderes, de Nikita Kruzhnev até Brejnev e Andropov, tinham como característica marcante a mediocridade. Em 1937, depois de Stalin ter eliminado os velhos bolcheviques que lhe faziam oposição, somente 17,7% dos secretários regionais do Partido Comunista e 12,1% dos chefes urbanos do mesmo tinham educação superior, enquanto que 70,4% (dos chefes regionais) e 80,3% (dos chefes urbanos) somente tinham recebido educação primária. Ou seja: o

velho ditador nivelou o país por baixo, de forma a não ser incomodado.

Quadro bastante fiel desse processo de morte da inteligência foi traçado por Piotr Schelest, Primeiro-secretário do Partido Comunista ucraniano entre 1963 e 1972, com as seguintes palavras: “Quase cada dia, ou melhor, cada noite, havia detenções de trabalhadores na fábrica. Muitos trabalhadores qualificados, engenheiros e até o chefe do Corpo de Bombeiros eram detidos. Mais de 80 pessoas. Alguns regressaram à fábrica, mas guardavam um silêncio total sobre o que lhes aconteceu ou acerca dos motivos da sua detenção. De muitos detidos não voltamos a ter mais notícias. Desapareceram. As acusações como *inimigos do povo* ou *oportunistas* apareciam constantemente na imprensa, no rádio e nos discursos dos ativistas do partido. Todos desconfiavam de todos; o pai do filho, o filho do pai. As denúncias contaminavam tudo e todos. Foi um tempo muito duro e muitos de nós sobrevivemos por casualidade” (p. 6-7).

É evidente que nesse contexto de nivelamento por baixo, propostas originais como a do filósofo tcheco Radovan Richta com o seu “socialismo com rosto humano”, que passou a inspirar alguns intelectuais e que deu ensejo às reformas de Dubcek, na denominada “Primavera de Praga”, simplesmente foram esmagadas pelos carros-de-combate do Exército vermelho. Ora, o modelo proposto por Richta era interessante e teria conduzido a Rússia a superar os entraves do desenvolvimento, na medida em que chamava a atenção para a questão da qualidade dos produtos e para os custos do processo produtivo, abrindo a perspectiva da autonomia de gestão, em face do emperrado modelo do planejamento total controlado pela corrupta burocracia.

Esse deserto de idéias e de inteligência imposto por Stalin foi assim caracterizado pelo escritor Aleksandr Bek, que retratava da seguinte forma o dirigente comunista ideal: “Nem sequer ousava pensar nas contradições e nos paradoxos